

O MITO DE ABELARDO E HELOÍSA NA POESIA PORTUGUESA DE SETECENTOS

Ao Prof. Doutor José Adriano Freitas de Carvalho que,
como mestre, nos ensinou a observar as fontes e os mitos que
por elas correm.

O viajante que deambular pelas margens do Père Lachaise em busca de um miradouro, guardando talvez na memória as tentações de Rastignac, encontrará, virado para a rue du Repos, um túmulo algo imponente, num estranho gótico, uma pequena capela aberta, cujo leve abandono se parece até perturbar com a flor que por vezes alguém deixa sobre as lajes. É o túmulo de Abelardo e Heloísa. Lembrar-se-á então dos dois amantes que, no século XII, viveram afastados a maior parte da sua vida, para permanecer na morte tão próximos. Quando se encontram pela primeira vez, Abelardo tem 40 anos, Heloísa 18, e entre o olhar comum sobre os livros, o nascimento de um filho, o casamento secreto, a descoberta da desonra, a castração de Abelardo e a entrada de ambos para a vida religiosa, ter-se-ia passado menos de um lustro. Sabe-se que Abelardo morre em 21 de Abril de 1142 e que Heloísa, ainda freira, recolhe o seu corpo, pedindo, à hora da sua própria morte, para ser com ele enterrada. Tinham os dois agora a mesma idade: 63 anos. E conta a lenda (e o cronista Gregório de Tours) que, quando se levantou a campa, os braços de Abelardo se abriram.

Com mais atenção, descobrimos que as pedras nos perturbam também com outras histórias. Que o gótico é um anacronismo ainda maior que o pensado, já que o túmulo só foi erguido nos finais da segunda metade do século XVIII, quando Paris fervilhava de fúria revolucionária. Que se não garante a autenticidade das cinzas, pois diferentes eram os ritos perante a morte e o que é barro sempre ao barro há-de tornar. Dizem até os historiadores (esses míticos destruidores de mitos) que entre os dois corpos se encontrou uma placa de chumbo.

Mas nada parece importar quem por vezes lhes celebra o amor antigo. O mundo do Amor tem muito em comum com o da Poesia e não se importa quando dois desconhecidos simbolizam um amor nominal. Pois não é essa a matriz do “universal e verosímil”?

A tradição guarda um conjunto relativamente fixo de cartas escritas por Abelardo e Heloísa, que pouco vai variando com as edições:

- a) De Abelardo: *Carta a um amigo ou narrativa das minhas desventuras*, onde enumera os infortúnios da sua vida e também os do seu amor por Heloísa. Será essa carta que chegará às mãos de Heloísa, reabrindo a chaga de uma ferida por curar.
- b) De Heloísa: Carta a Abelardo, tomando conhecimento da primeira carta.
- c) De Abelardo: Carta a Heloísa, respondendo aos seus lamentos.
- d) De Heloísa: Segunda Carta a Abelardo.
- e) De Abelardo: Segunda Carta a Heloísa.

Por vezes, podem-se encontrar compilações mais completas:

f) O primeiro conjunto é por vezes editado com cartas de direcção espiritual de Abelardo a Heloísa e pela resposta de Heloísa.

g) De Abelardo, para além da narrativa autobiográfica *Historia calamitatum*, de 1136, temos ainda seis lamentos, pela boca de personagens bíblicas, em *Hymnarius Paraclitensis*.

Já Villon refere a história de Abelardo e Heloísa, e uma ou outra representação iconográfica medieval parecem testemunhar que bem cedo (mas sobretudo a partir do século XIII, e da tradução de Jean de Meun) entraram na nossa memória colectiva. O conjunto das cartas, originalmente escritas em latim, vai sendo referido, copiado, traduzido, e depois impresso e reeditado. Cremos, todavia, que somente na segunda metade do século XVII e ao longo do século XVIII, quando integradas num género literário autonomizado (a novela epistolar, de carácter sentimental), se poderão valorizar essas cartas à luz de um contexto cultural que igualmente exaltava o sentimento amoroso e, muito especialmente, o carácter trágico do Amor terreno.

No século XII, a oposição de Heloísa a um casamento por conveniência social, a sua lembrança do amor sensual, parece (parece-nos?) incómoda, até ou desde logo para Abelardo. No século XVIII, confunde-se conotativamente com a autonomia feminina, as reivindicações de casamentos por amor, ou até com os casamentos “deístas”, celebrados perante Deus e sem os rituais da instituição religiosa. O século XVIII abunda em novas Heloísas, involuntárias ou inconscientes, quer a encontremos nas palavras de Erina, do drama *A Mulher que o não parece* (1774)¹, na legislação que limitava os abusos de casamentos

¹ De Manuel de Figueiredo, “A mulher que o não parece”, publicado, no tomo IV do seu *Theatro*, e por nós reeditada e comentada em Maria Luísa Malato R. BORRALHO – *Manuel de Figueiredo. Uma perspectiva do neoclassicismo português (1745-1777)*, Lisboa, IN-CM, 1995, max. pp. 150-156 e pp. 283-368.

clandestinos (1784)², nas insinuações de filósofo da Natureza feitas a um José Anastácio da Cunha (1775)³, ou nos muitos poemas e narrativas que proclamavam os novos direitos do Amor...

A identificação do género contextualizava-as numa tradição literária específica. E esta distinguiu-a da tradição epistolar filosófica, didáctica ou satírica, ao mesmo tempo que a aproxima de uma *mimésis icástica*, da vida real, e da polifonia romanesca. Como num espelho, a imagem devolvia um objecto. Mas como no espelho a imagem devolvida não é o objecto, mas a visão que o espelho nos devolve, existindo sempre um grau de deformação.

No que diz respeito às cartas de Abelardo e Heloísa, ainda na segunda metade do século XVII, Roger de Bussy-Rabutin (curiosamente primo de Marie de Rabutin-Chantal, Mme de Sévigné, e também autor de uma volumosa correspondência) teria lido e retocado algumas das cartas de Heloísa, integrando-as nos seus contos levemente libertinos.

É talvez sob o efeito do êxito de Rabutin, ou dos seus muitos imitadores, que, em 1713, John Hughes elabora uma tradução das cartas em latim. É uma tradução não muito literal, mas terão, no panorama inglês, o mesmo efeito de Rabutin no francês: transformam a linguagem medieval em linguagem setecentista:

“I had wit enough to write a billet-doux....”. “I love you, adorable Heloise!”, dirá Abelardo, agora personagem galante. E um novo texto se abre.⁴

Em 1717, Pope escreve *Eloisa to Abelard*. É provável até que não conheça o texto latino (cuja edição inglesa aparecerá no ano seguinte, em 1718), mas tinha certamente assimilado a lição de Rabutin e Hughes. A construção em verso da narrativa amorosa, bebida num clássico como as *Heroides* de Ovídio (se na verdade conseguirmos aproximar Ovídio do que em geral consideramos clássico...⁵), é agora

² *Carta de Lei perpétua, pella qual V. Magestade occorendo aos abusos, que da tolerancia, e pratica dos Esponsaes clandestinos resultavão ao socego publico dos seus Vassallos, e Familias delles, he servida ordenar a fôrma, e solemnidade, com que os Esponsaes devem ser contrahidos para terem legitima validade [...].*[Queluz, seis do mez de Outubro do anno do Nascimento de Jesus Christo de mil setecentos oitenta e quatro]. Nela se determina a anulação do casamento, até à idade de 25 anos, sem consentimento dos pais, tutores ou curadores.

³ Maria Luísa Malato Borralho – “Some Dreams of Humanity... Vida de José Anastácio da Cunha” in José Anastácio da CUNHA – *Obra Literária. Volume I. Poesia*, ed. em colab., Porto, Campo das Letras, 2001, p. 37.

⁴ Geoffrey TILLOTSON (ed.) – “Eloisa to Abelard. Introduction”, in *The Rape of the Lock and other poems*, 3rd ed., London, Methuen & Co. Ltd, New Haven, Yale University Press, 1962, p. 298.

⁵ Ovídio, ou as releituras de Ovídio, são, a nosso ver, uma das referências mais importantes para perceber grande parte das “inovações” temáticas da literatura do século XVIII, funcionando como um elemento híbrido e ambíguo (“o imitador da Natureza”, “o que falava a linguagem da Natureza”) que

mesclada com os novos géneros. Será sobretudo o êxito da obra de Pope que transformará o tema em mito literário⁶, na Inglaterra, mas depois em França, de onde tinha partido, e de França para o resto da Europa. É já enquanto alusão a um mito que lançará novas raízes em Rousseau, na novela, publicada muito mais tarde, em 1761, *Julie ou La Nouvelle Héloïse*.

Como já referimos, tais edições não saíam fora de um determinada apetência do público para essa conjugação entre a forma epistolar (associada à verdade, à sinceridade) e a temática da revolta amorosa. Tal combinação funcionava, por antítese à passividade da vida monástica, como tensão conotativa no texto. É também perceptível em Pope a sua aproximação a uma visão deísta do sentimento amoroso, para além de uma manifesta identificação poética⁷. Mas Pope imprime-lhe uma retórica e uma prosódia quase geométrica, que parece corroborar a usual rima emparelhada e facilitar a memorização, a transmissão oral da poesia. Serão sem dúvida elementos que ajudam a explicar o êxito da obra.

Mas não podemos isolar o interesse pelas cartas de Abelardo e Heloísa (e muito especialmente o interesse acrescido pelas cartas de Heloísa, em detrimento das de Abelardo), do manifestado por outras obras similares.

Desde logo, no século XVII, a partir de 1669, pelas *Lettres portugaises*, editadas, escritas ou reescritas anonimamente, pelo Conde Lavergue de Guilleragues, mas ainda hoje presas a uma leitura autobiográfica que as atribui a Mariana Alcoforado. A maior prova desse gosto comum (visível ainda quando, em Portugal, muitas destas referências tinham sido substituídas por outras declaradamente

permitiria a passagem insensível para a estética "romântica", em Pope como em Gessner, em Bocage como na Viscondessa de Balsecão. Dirá uma personagem de *As Viagens de Altina*: "Hum domingo em que fomos passear na companhia do Mestre e de meu Pai, achámos hum livro, era *A Arte d' Amar*. Meu Pai o abriu, e lêo estes versos. Ou he barbara a Natureza em dar huma inclinação que a lei condemna; ou he barbara a lei que condemna huma inclinação que dá a Natureza." (ANÓN. [Luís Caetano Altina de Campos] - *Viagens d' Altina. Nas cidades mais cultas da Europa, e nas primeiras povoações dos Balinos. Povos desconhecidos de todo o Mundo*, 4 tomos, Lisboa, Off. Simão Thaddeo Ferreira, 1790-1793, t. III, pp. 11-12).

⁶ P. MALANDAIN, «Une effervescence des genres littéraires traditionnels» in AA. VV. - *Lettres Européennes. Histoire de la Littérature Européenne*, dir. Annick Benoit-Dusausy et Guy Fontaine, Paris, Hachette, 1992, p. 460. Cf. Charlotte CHARRIER - *Héloïse dans l'histoire et dans la légende*, Paris, 1933, cit. A. A. Gonçalves RODRIGUES - *As "Epistolas de Héloïse e Abailard" na obra poética de José Anastácio da Cunha. Uma falsa atribuição*, sep. Revista da Biblioteca Nacional, n.º 2, 1981, p. 274.

⁷ "The Epistle of Eloise grows warm, and begins to have some breathings of the heart in it, witch may make posterity think I was in love", escreve Pope a Martha Blount, em 1716 (*Correspondance*, apud Geoffrey TILLOTSON (ed.) - "Eloisa to Abelard. Introduction", in *The Rape of the Lock and other poems*, 3.ª ed., London, Methuen & Co. Ltd, New Haven, Yale University Press, 1962, p. 311).

românticas) é a edição em Paris, pela casa J. P. Aillaud, no ano de 1838, da obra *Cartas de Heloiza e Abailard*, numa tradução de Caetano Lopes de Moura, e seguidas das *Cartas Amorasas de uma religiosa portuguesa*, “restituídas à linguagem materna” por José Maria de Sousa, aumentadas com as imitações de Dorat e outras, e traduzidas do francês por Filinto Elísio e Caetano Lopes de Moura. Encontram-se por vezes miscelâneas de manuscritos que unem partes dos dois textos. Em 1687, já a carta de Rabutin elaborava uma versão livre das cartas de Abelardo e Heloísa, associando-a à freira portuguesa. Mas se com alguma razão podemos suspeitar dos critérios temáticos das miscelâneas, dificilmente o podemos fazer para o texto impresso. A dita carta de Rabutin é publicada em 1697 na primeira edição da sua *Correspondência* (muito embora se conheçam imitações em inglês anteriores a esta data que demonstram a circulação de manuscritos⁸). E outras edições há que as publicam em conjunto, testemunhando desde os finais do século XVII, um público comum⁹.

Sobretudo na segunda metade do século XVIII e primeira metade do XIX, entre a Revolução Francesa e o advento do Liberalismo, parecem ter sido associadas a uma certa literatura anti-clerical ou, pelo menos, socialmente mais crítica. Não as podemos afastar do inconformismo feminino, de cariz marcadamente crítico, de *La Religieuse*, de Diderot, escrita em 1760 mas editada somente em 1796. Uma tradução da carta de Heloísa atribuída a Bocage, impressa em 1823, na cidade do Porto, dedica-a “às Senhoras da illustre cidade regeneradora”, no “Anno 4 da Liberdade Portugueza”¹⁰.

Parece-nos que é também esse tipo de leitura que justifica a atribuição das inúmeras versões manuscritas, tantas vezes sem qualquer critério, a autores rotulados de ateus, heréticos ou irreverentes, como sucede com Bocage ou José Anastácio da Cunha. É significativo que também estes dois autores dividam (com o anonimato) a autoria de *A Voz da Razão*.

A relação com outros mitos amorosos seria também uma área a explorar. É frequente os poetas das cartas de Heloísa acabarem por exercitar a pena em escritos do mesmo género, às vezes de criação própria. É o que sucede desde logo com

⁸ Geoffrey TILLOTSON (ed.) – “Eloisa to Abelard. Introduction”, in *The Rape of the Lock and other poems*, 3.rd ed., London, Methuen & Co. Ltd, New Haven, Yale University Press, 1962, p. 297.

⁹ V.g., *Recueil de lettres galantes et amoureuses d'Héloïse a Abailard, d'une religieuse portugaise au chevalier...*, Amsterdam, Chez François Roger, 1699; ou *Lettres amoureuses d'Héloïse et d'Abailard: en prose et en vers*, Paris, Lib. Populaire des Villes et Campagnes, 1851, encadernado com uma edição das *Lettres Portugaises*, respectivamente com a cota da BNL, Res. 2494 P e L 40982 P.

¹⁰ *Carta amorosa d'Heloise a Abeilard, tradução livre do inglez de Mr. Pope em francez por Mr. Colardeau e em portuguez por Bocage...*, Porto, Typ. da Viuva Alvarez Ribeiro & Filhos, 1823.

Claude Joseph Dorat, autor de uma imitação das cartas de Heloísa, já que o modelo dos amores infelizes explanados na carta feminina claramente parece repetir-se em outras obras suas, como *As desgraças da inconstância ou Cartas da marquesa de Syrce e do conde de Mirhelle*, publicadas em português¹¹, ou os versos dedicados às cartas de Soror Mariana Alcoforado¹², amplificados nas suas *Lettres d'une chanoinesse de Lisbonne à Melcour, officier françois*¹³.

Também a tradução que António Feliciano de Castilho chega a elaborar das *Cartas* de Heloísa, a partir dos versos de Mercier, torna mais explícita a influência que têm numa obra como as *Cartas de Eco a Narciso* (por vezes lida como o primeiro sinal, na literatura portuguesa, da alargamento do “leque temático da epístola à confissão amorosa”¹⁴). Ou em *Amor e Melancolia ou A novíssima Heloísa*, que é uma obra ainda de juventude, como a tradução da carta de Heloísa¹⁵.

Não será igualmente desinteressante a aproximação entre a leitura das cartas com o drama de Romeu e Julieta, por exemplo, até porque a leitura de Shakespeare na Europa quase se inicia, ou reinicia, a partir do século XVIII, e muito tem a ver com a permanência de Voltaire em Inglaterra e com a divulgação através da França, de muitos outros autores ingleses. Shakespeare era citado com relativo conhecimento de causa por um dramaturgo como Manuel de Figueiredo, ou traduzido e declamado entusiasticamente por José Anastácio da Cunha que sabemos ser possuidor da sua obra completa. Mas não se pode considerar que o conhecimento do texto shakespeariano (ou da língua inglesa) fosse usual. As alusões aparecem com frequência (pelo menos mais frequentes do que *a priori* se pensa¹⁶), embora sejam

¹¹ Lisboa, Typ. Rollandiana, 1807.

¹² *Lettres portugaises avec les imitations en vers par Dorat*, nouvelle édition, Paris, Chez Delange, 1806.

¹³ De que tenhamos conhecimento, 2.ª edição, La Haye, s.n., 1751; La Haye/Paris, Chez Lambert, Jorry et Delalain. 1770; Paris, Delalain, 1780.

¹⁴ António Manuel Ribeiro REBELO – *Carta*, in “BIBLOS, Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa”, Lisboa/S. Paulo, Verbo, 1995, vol. I, col. 1006.

¹⁵ Coimbra, Imp. Trovão e Companhia, 1828, existindo ainda, no século XIX, pelo menos as edições em Lisboa, da Soc. Typ. Sociedade Franco-Portuguesa, 1861 e 1868. É uma colectânea de versos dedicado postumamente a Maria Isabel de Baena, sua esposa, por ele considerada uma nova Júlia. Remete-se assim o leitor para a *Nova Heloísa*, de Rousseau. A edição de 1861 inclui um longo texto explicativo, “A Chave do Enigma”, de índole sobretudo autobiográfica, mas com algumas aportações estéticas.

¹⁶ De Jorge Bastos da SILVA, que prepara um estudo mais alargado sobre a influência de Shakespeare, a integrar na colecção que presentemente se publica na editora Campo das Letras, “Um Contexto para a Recepção de Shakespeare no Romantismo Português: os Dados dos Periódicos”, in *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, n.º 9, Porto, 2000, pp. 43-85. Para além de estudos mais parcelares

raras as traduções completas as edições impressas. É, no entanto, em semelhante contexto, que se torna evidentíssimo o interesse por um texto como *Romeu e Julieta*, sendo de explorar, a esse propósito, a divulgação do texto de Shakespeare (ou imitações dele) no contexto da ópera ou do texto musicado (lembramos uma edição de libreto em 1798 e uma outra em 1835¹⁷).

Um mito da Literatura portuguesa (e europeia) que apresenta, pelo menos, um interesse contemporâneo ao de Heloísa e Abelardo é a história de Pedro e Inês. Parecem-nos indiscutíveis as proximidades mítico-simbólicas. Antes do mais, a temática do amor impossível, pela morte, pela oposição familiar. Voltamos certamente ao mito de Tristão e Isolda, e também à indelével leitura de Denis de Rougemont que nele viu o símbolo do amor ocidental¹⁸. Mas, em relação a Tristão/Isolda ou a Lancelot/Geneviève, há aqui uma diferença fundamental: quer Pedro/Inês, quer Abelardo/Heloísa não têm uma atitude de auto-punição. Vivem em conflito (individual e social) com uma punição que lhes foi exteriormente imposta. Há, sem dúvida, aqui também uma diferença entre Abelardo e Heloísa: é Abelardo que propõe a entrada de ambos para a clausura. Mas não temos da parte da Abelardo a noção de que o claustro é uma punição, antes a possibilidade de aprendizagem do verdadeiro amor por Heloísa. Para Heloísa, pelo contrário, o claustro parece ser somente obediência conjugal. Entre uma coisa e outra, e sobretudo nas cartas de Heloísa, a ideia de *culpa/castigo* é ténue, sendo substituída por outra tensão: *aceitação/revolta*. Enquanto a primeira tensão nos aparece na tragédia dos antigos (associados posteriormente aos clássicos), a segunda parece agradar cada vez mais aos modernos (hoje ditos românticos ou pré-românticos). Por isso é tão significativo que o século XVIII tenha, em grande parte, truncado do mito a parte de Abelardo.

Nesse e noutros aspectos, foi decisiva a autoridade dos poetas ingleses para a internacionalização do mito de Abelardo e Heloísa. Como o seria para o mito de Pedro e Inês, conhecidos através da poesia de Luís de Camões. Em Inglaterra, o interesse por Camões revelou-se talvez mais cedo que no resto da Europa, acentuando-se claramente na segunda metade do século XVIII. Mesmo que se não considere a hipotética tradução de Anthony Munday (1553-1633) de *Os Lusíadas*,

em autores portugueses, Maria João da Rocha AFONSO – “Mr. Shakespeare, I presume...”, in *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, n.º 8, Porto, 1999, pp. 17-45; Carlos ESTRONINHO – *Shakespeare na Literatura Portuguesa*, sep. Ocidente, Lisboa, 1964, vol. LXVII; Maria do Céu Saraiva JORGE – *Shakespeare e Portugal*, dissert. de licenciatura apresent. FLUL, texto policopiado, Lisboa, 1941.

¹⁷ SHAKESPEARE/ Nicola ZINGARELLI – *Giulietta e Romeo. Trag. Per musica*, Lisboa, Off. Simão Thaddeo Ferreira, 1798; SHAKESPEARE/ BELLINI – *Os Capuletos e os Montequios*, Porto, Gandra & Filhos, 1835.

¹⁸ Denis de ROUGEMONT – *L'Amour et l'Occident*, ed. port. *O Amor e o Ocidente*, trad. Ana Hatherly, Lisboa, Vega, 1989.

ou se argumente que a tradução de Richard Fanshawe, em 1655, passou despercebida, é difícil explicar de outro modo as inúmeras edições da tradução de William Mickle que, a partir de 1776, se fizeram. O bem pensante Walpole não deixava de confirmar as razões do talento de Camões. E as traduções, algumas bastante livres, mais alimentavam a imagem de um Camões já romantizado: em Inglaterra, como em Portugal, até chegamos à obra de Garrett que nos parece um marco periodológico, ia-se criando o tipo do poeta genial, pobre e incompreendido pela sociedade, infeliz nos amores e na fortuna, com má estrela¹⁹.

Se da literatura portuguesa para a inglesa a influência é muitas vezes directa, no sentido inverso, ou seja, da literatura inglesa para a portuguesa, encontramos muitas vezes a literatura francesa como intermediária. No caso de Abelardo e Heloísa, é clara a influência de Pope, mas um Pope frequentemente traduzido livremente ou imitado pelos franceses (Dorat, Colardeau, Mercier...). É dessa fonte sobretudo que brota o mito de uma Heloísa sem Abelardo, sendo a poesia uma versão truncada das cartas de Abelardo. Pope torna-se assim um catalizador do mito, mas eliminando dele a tensão religiosa com a ascese. A edição de Colardeau (sem dúvida alguma a mais imitada nas versões portuguesas) é, segundo o próprio, uma imitação livre de Pope, conservando-se, todavia, a concentração das várias cartas conhecidas numa única epístola. O drama (o diálogo entre duas perspectivas religiosamente distintas) torna-se, sobretudo com Pope, um queixume amoroso, mais físico e muito menos metafísico, uma apologia da Paixão como revolta dos

¹⁹ Cf. *Camões em Inglaterra*, coord. M. Leonor Machado de Sousa, Lisboa, ICALP, 1992. Em França, a referência a Camões nos textos poéticos, de crítico para crítico, servia invariavelmente de exemplo ao que se não deve fazer numa epopeia. Até Mme de Staël, que o parece ter conhecido através do Duque de Lafões, Camões era, ou pela liberalidade dos costumes ou pelo uso da mitologia pagã, ou pelo gosto metafórico, um grão de areia na engrenagem de um certo Classicismo (cf., Maria Fernanda ABREU – *Camões na Literatura Romântica (francesa)*, in “Dicionário do Romantismo Literário Português”, coord. Helena Carvalhão Buescu, Lisboa, Caminho, 1997). A edição do Morgado de Mateus em Paris culminará um prestígio crescente mas, sob muitos aspectos, ainda incipiente. A crer em Manuel de Figueiredo, todavia, o panorama português, não seria muito diferente: “Eu ainda me lembro de ninguém ler as Rimas de Camões” (Manuel de FIGUEIREDO – *Theatro*, Disc. De “O Cioso”, t. IX, p. 208, bem como o nosso estudo, *Manuel de Figueiredo. Uma perspectiva do Neoclassicismo português (1745-1777)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1995, pp. 97-114). Sem colocar em causa a afirmação do dramaturgo, cremos que ele se poderia referir, quando muito, aos meados do século, mas nunca, a crer nas abundantes alusões nos textos, à segunda metade do século XVIII. Teria sido um inglês, Wellington quem, ao passar por Coimbra, se mostrou enlevado ao visitar a fonte dos Amores, mandando depois arranjar o local, que se encontrava abandonado. De resto, Camões, sendo a principal fonte do mito, está longe de ser a única, não devendo nós esquecer a tradição teatral, d’ *A Castro* de António Ferreira, a *Reynar despues de morir*, de Velez de Guevara ou ao teatro de Nicolau Luis (Maria Luisa Malato BORRALHO – *D. Catarina de Lencastre (1749-1824)*, dissertação de doutoramento, apresentada à F.L.U.P., 1999, tomo I, pp. 449-454, pp. 532-533).

sentidos. Até porque a contra argumentação da Paixão como experiência do divino (amor, dor, sofrimento passivo e salvação) só sobrevive enquanto esforço de Heloísa para compreender Abelardo, que não aparece autonomizado como sujeito de uma enunciação retórica.

Depois de um breve “Argumento”, em que sintetiza a vida dos dois amantes, Pope opta por só colocar nos seus versos a parte de Heloísa, partindo da segunda carta da colectânea (“those celebrated letters, out of which the following is partly extracted”), e condensando a tensão (Abelardo/Heloísa) à sua tensão interna:

“the struggles of grace and nature, virtue and passion.”

Como frequentemente encontramos nos poetas do século XVIII, a carta é pretexto para um quadro. Relendo o velho preceito horaciano da *Pictura ut poesis*, o poeta torna-se um pintor da Natureza, uma natureza simultaneamente física e emotiva:

“those celebrated letters [...] which give so lively a picture of the struggles of grace and nature [...]”²⁰

O poema de Pope começa com uma adjectivação que associamos ao espaço aberto do *locus horrendus*, mas aqui utilizada para caracterizar uma diminuta cela de convento:

“In these deep solitudes and awful cells,
Where heav’nly-pensive, contemplation dwells,

²⁰ Alexander POPE – “Eloisa to Abelard”, in *The Rape of the Lock and other poems*, 3rd ed., London, Methuen & Co. Ltd, New Haven, Yale University Press, 1962, p. 319. O símile entre a Poesia e a Pintura aparece não só em Horácio mas, bem antes dele, em Simónides de Cós ou até Aristóteles. Sobre as releituras do preceito horaciano e a aproximação da Poesia à Pintura no século XVIII, vide Mario PRAZ — *Literatura e Artes Visuais*, trad. José Paulo Pires, S. Paulo, Cultrix, 1982, pp. 2-26 e p. 229, Rensselaer W. LEE — *Ut Pictura Poesis. Humanisme et Théorie de la Peinture. XVe-XVIIIe siècles*, trad. Maurice Brock, Paris, Macula, 1991, pp. 7-19; Wladyslaw FOLKIERSKI — *Entre le Classicisme et le Romantisme. Etude sur l’Esthétique et les esthéticiens du XVIIIe siècle*, Paris, Lib. Honoré Champion, 1969, máx. cap. III e cap. V e os trabalhos de Nuno SALDANHA, v.g., *Poéticas da Imagem. A Pintura nas Ideias Estéticas da Idade Moderna*, Lisboa, Ed. Caminho, 1995, máx. VIII, 2, pp. 262-300, que faz já referência aos textos inéditos de António Ribeiro dos Santos guardados na BNL, alguns transcritos na pp. 335 ss.. A aproximação à pintura é uma aproximação à natureza física e à natureza emotiva. Não será de referir aqui que um dos textos basilares da estética de Garrett seja um retrato, *O Retrato de Vénus?*

And ever-musing melancholy reigns;
[...] Ye rugged rocks! which holy knees have worn;
Ye grotts and caverns shagg'd with horrid thorn!"²¹

Até ao momento, pouco se tem feito para esclarecer a teia labiríntica de ligações entre os vários textos. E muito há a fazer²².

Pelos motivos que fomos apontando, centremo-nos, no entanto, e apenas, no panorama português, desde logo, nos vários textos que encontramos impressos na segunda metade do século XVIII e na primeira parte do século XIX.

Ao longo da história literária, nascida com e no romantismo, essa presença tem sido vista como uma transição. Não será por acaso que, em 1861, Castilho se coloca perante o dilema de corrigir os versos que em 1828 editara com o sub-título de *A novíssima Heloísa*, imbuído que estava de um sentimento que definirá como eclético, e que situa entre o classicismo e o romantismo, a velha e a nova escola:

"Este livro, que saíra á moda do seu tempo, desdizia pois, na maxima parte, das idéas e estilo de hoje em dia. [...] Fazem lembrar, ao menos a mim, os oratorios dos pagãos neophitos no primeiro seculo da igreja, nos quaes se adoravam, alumiados e inflorados a par, Jesus, Esculapio, os deuses Lares, e o Anjo da Guarda."²³

Esta é também uma determinada mitologia das fontes, uma narrativa dramática dos nossos períodos literários, que tratamos como se deuses fossem... E a melhor prova de que este anacronismo é meramente retórico talvez esteja no número de reedições do texto: uma na primeira metade do século XIX (1828), e duas, muito seguidas, na segunda metade (1861 e 1868), já o romantismo ia avançado...

²¹ Alexander POPE – "Eloisa to Abelard", in *The Rape of the Lock and other poems*, 3rd ed., London, Methuen & Co. Ltd, New Haven, Yale University Press, 1962, p. 319-320.

²² Em 1981, Gonçalves Rodrigues, tendo-se embrenhado "nos complicados meandros da sua difusão europeia", contava dar em breve uma "relação de cerca de trinta títulos à volta do aliciante tema", editados em língua portuguesa (A. A. Gonçalves RODRIGUES – *As "Epístolas de Héloíse e Abailard" na obra poética de José Anastácio da Cunha. Uma falsa atribuição*, Separata da "Revista da Biblioteca Nacional", n.º 2, 1981, p. 274 e p. 276). Se alguns deles já se encontram referidos por Gonçalves Rodrigues, na sua obra *A Tradução em Portugal*, o seu número está aí ainda longe dos trinta prometidos. Não temos conhecimento de que alguma vez tenha chegado a ultimar tal trabalho. Embora lamentando o vazio editorial, ainda em 1973 se publicavam em português as cartas entre Abelardo e Heloísa (*Cartas de Heloísa e Abelardo*, trad. Franco de Sousa, Lisboa, Estúdios Cor, [1973]). Para não falarmos do panorama brasileiro, com as *Cartas de amor a Heloísa*, de Graciano Ramos (ed. com prefácio de José Paulo Paes, Rio de Janeiro, Record, 1994). Ou, mais heterodoxamente, da personagem Heloísa – criada pelo cartoonista Sam –, símbolo da nova mentalidade feminina/feminista (*Querida Heloísa*, Lisboa, Distri, 1983).

²³ Antonio Feliciano de CASTILHO – *Amor e Melancolia ou A Novíssima Heloísa*, nova edição correcta e acrescentada, Lisboa, Soc. Typographica Franco-Portugueza, 1861, "Advertencia d'esta nova edição", s.p..

Impõe-se, antes do mais, portanto, ler o mito e o seu texto. Para comparar, estudar variantes, pormenorizadamente, sem confiar em indicações de fontes, que tantas vezes nos iludem. E para tal há que partir de um levantamento dos textos, não só impressos mas também manuscritos.

No caso das referências ao mito, nem sempre esse é um trabalho fácil (forma litótica de dizer que sempre é um trabalho difícil). Porque o mito não tem género próprio: aparece como texto literário ou como relato autobiográfico, em prosa como em verso, no modo lírico como no narrativo, no narrativo, como no dramático. A própria epístola (e do diálogo por epístolas) é desde logo uma forma ambígua, propícia à metamorfose e aos variados modos de ser literário, passando até por aqueles modos que não querem ser vistos como literários.

Não será de excluir deste levantamento e estudo os textos em prosa, elaborados quer a partir daqueles existentes em verso, quer de outros textos em prosa, sobretudo em língua francesa. Temos conhecimento de pelo menos várias narrativas em português.

Duas em manuscrito:

- *Carta de Heloize A Abelardo* traduzida de Mons. Pope por M. L. L., s.l. s.d.²⁴, que começa: “Nesta solidão pacífica, morada onde a contemplação levanta continuamente a sua vista para o Ceu...”

- e *Breve historia dos amores de Heloisa e Abeilardo*, s.l. s.d. [18..]²⁵

Encontra-se impressa uma terceira narrativa: “Carta de Heloize a Abailardo tirado de Pope”, incluída nos *Contos moraes para entretenimento e instrucção dos melhores auctores, que tem tratado desta materia traduzidos em portuguez*, (Lisboa, Typ. Rollandiana, 1817, pp. 241-267), e que nos parece refeita em prosa a partir de Colardeau, ou fonte francesa muito próxima.

Na Biblioteca Nacional, existe uma edição em prosa, publicada na Impressão Régia: *Carta de Heloisa a Abaelardo: conto moral* (Lisboa, Imp. Regia, 1818²⁶).

De fonte claramente diversa, e mais erudita (de uma edição dos textos em latim ou, muito provavelmente, de uma sua tradução francesa), refiram-se ainda as *Cartas d' Heloisa e Abailard traduzidas por Caetano Lopes de Moura, traductor*

²⁴ BPMP, Ms. 570, Doc. 2, 10 fols.

²⁵ Registo 1079036 da BN, Porbase.

²⁶ A. A. Gonçalves Rodrigues, em *A Tradução em Portugal* (Lisboa, Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1992, vol. I, p. 331), refere uma *Carta de Heloisa...*, Lx., Imp. Regia, 1819. Pressupondo-se que seja uma reedição, não conseguimos, até ao momento, confirmar esta hipótese.

das obras de Walter Scott, seguidas das Cartas Amorasas d'uma religiosa portugueza, restituídas à lingua materna por Joze Maria de Sousa, Morgado de Mateus, augmentadas com as imitações de Dorat e outras, e traduzidas do francez por Filinto Elysio e Caetano Lopes de Moura, 2 tomos, Paris, J. P. Aillaud, 1838, tomo I. Começa com a "Carta d' Abeilard a um amigo" ("Ás vezes tanto para perturbar-nos o espirito, como para serená-lo [...]")²⁷.

E isto para não referir os textos em prosa que derivam directamente de Rousseau e da sua Julie, *La Nouvelle Heloise*, como seria o caso de *Nova Heloisa ou Cartas de dois amantes*, editada, pelo menos, em 1837²⁸...

Se começarmos por fazer um levantamento das obras impressas, reparamos desde logo em três factos muito comuns nas traduções do século XVIII (e até muito depois!): grande parte delas não indica nem o nome do tradutor nem o nome do autor, o que se denomina tradução confunde-se com a imitação, englobando este conceito versões muito livres; o facto de se indicar um autor, não quer (de modo nenhum) dizer que se trabalhou com o texto original.

O levantamento dos textos manuscritos é normalmente tarefa ainda mais árdua e inacabada, literal e simbolicamente *imperfeita*. Mas indispensável para perceber as falsas ou confusas atribuições (bem como o anonimato) de composições frequentemente incluídas em miscelâneas pouco ou nada organizadas. A data das composições manuscritas, muitas vezes anterior às versões impressas alerta-nos também para a eficácia do manuscrito, numa sociedade que literariamente permanecia ligada à oralidade, e que sociologicamente comunicava em pequenos círculos (o outeiro, a academia, a tertúlia, o salão).

O primeiro texto impresso, uma *Carta de Héloaze [sic] a Abailardo*, foi editado no Porto, em 1785²⁹. Pouco tem a ver com o segundo, *Epistola de Heloyza a Abaylard*, publicada, anonimamente (** M.os) por José Nicolau Massuelos Pinto, quinze anos depois, em Londres (Londres, Off. Guilherme Lane, 1801³⁰). Apesar de ambas remeterem directamente para o texto de Pope, pouco parecem ter a ver com ele.

²⁷ Não deve obviamente ser confundida com uma outra edição na mesma editora, já por nós referida: "Epistola de Heloise a Abeilard", in *Collecção de Epistolas Eroticas e Philosophicas*, Paris, J. P. Aillaud, 1834.

²⁸ Lisboa, Typ. Rollandiana, 1837.

²⁹ A. A. Gonçalves Rodrigues assinalou-a no seu livro *A Tradução em Portugal* (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992, vol. I, p. 183, Doc. 1534).

³⁰ Cf. ed. Lisboa, Imp. João Nunes e Filho, 1833.

É particularmente interessante o que sucede no texto de Massuelos Pinto, já que a mera substituição para o que chama de “versos portugueses” (que, na sua opinião, engloba talvez a velha medida heptassilábica da redondilha maior) parece ser uma contenção espaço-temporal do sentimento, eliminando-se repetições, exclamações, antíteses ou amplificações perifrásticas.

“Neste quieto retiro,
Onde em morna solidão,
Levanta os olhos aos ceos
Cansada contemplação:”

Que Pope terá Massuelos Pinto lido? “Deep solitude” transforma-se em “morna solidão”, “awful cells” em “quieto retiro”.

Creemos que grande parte das respostas a estas questões se resolvem com a leitura de alguns manuscritos. Com efeito, antes de 1785 e entre 1785 e 1801, parecem ter circulado sob esta forma bastantes versões, evidenciando a diferença das fontes utilizadas, ou, pelo menos, a sua conciliação.

Desde logo a tradução de José Anastácio da Cunha, “Epistola de Heloiza a Abelardo”, de que existem vários fragmentos, estando o mais completo na compilação de Vieira Godinho. A colecção pertencente ao Conde da Barca (que é, com menos variantes, a mesma da existente na livraria de Almeida Garrett herdade de seu tio³¹) tem a curiosidade de identificar os primeiros versos de Pope, em inglês.

Com efeito, bastariam os primeiros versos para nele reconhecermos o texto de Pope:

“Nestas profundas solidões e claustros
Medonhos, onde ao Céu toda elevada
Vive a contemplação e reina a sempre
Pensativa tristeza, que tumulto
Se faz sentir de uma vestal nas veias?”

³¹ Ambas começam no verso “Que dita! Quando as almas uma à outra”. Sobre a autenticidade desta composição de José Anastácio da Cunha, vide as observações na nossa edição de “Epistola de Heloiza a Abelardo”, bem como a nossa introdução (Maria Luísa Malato Borralho – “Emulação ou imolação do eu: das traduções aos apócrifos, da Literatura à Ciência.”, in José Anastácio da CUNHA – *Obra Literária. Volume II. Traduções, Prosa e Apócrifos*, ed. em colab., Porto, Campo das Letras, em provas.

Mas o texto de José Anastácio da Cunha (talvez uma das primeiras traduções do texto de Pope em língua portuguesa e, na nossa opinião, uma das mais conseguidas traduções em verso), permanecerá só quase conhecido dos seus copistas até à edição do Ms. Vieira Godinho, em 1930, por Hernâni Cidade³². O que normalmente corre atribuído a José Anastácio da Cunha, inclusive na edição das suas obras organizada por Inocêncio³³, corresponde a um texto bem diferente.

Inocêncio baseou-se, sem dúvida, no conhecimento que tinha destes manuscritos para incluir a composição nos poemas daquele autor:

1. "Tradução de uma das Epistolas de Heloise a Abeilard Por Joze Anastácio", in *Collecção de Poezias de Diversos Autores E Outros Diversos Papeis selbres [sic], tanto por sublimes como por tollos, e asnatticos; que so servem para o intertenimento*. Copiados em o Anno de 1807/ Por João Placido do Rego Fragozo e Sequeira de Lima, s.l., 1807³⁴

1. Carta de Heloiza a Abeilard em verso solto por Joze Anastacio Lente de Mathematica na Universidade de Coimbra, in *Colecção de Poesias*, s.l., s.d.³⁵

Com efeito, ambos começam: "Aqui onde a Inocencia tem morada"³⁶

Esta versão é, sem dúvida, a mais copiada de todas, a que com maior profusão circula em manuscrito. Nesses manuscritos, aparece por vezes anonimamente, (como

³² Cf. Hernani CIDADE (ed.) – *A obra poética do Dr. José Anastácio da Cunha, Com um Estudo sobre o Anglo-Germanismo nos Proto-Românticos Portugueses por...*, Coimbra, Imp. Universidade de Coimbra, 1930.

³³ "Epistola de Hcloise a Abailard" e "Resposta de Abailard" in *Composições Poeticas do Doctor Joseph Anastasio da Cunha, ... agora colligidas pela primeira vez* [ed. Inocêncio], Lisboa, Typ. Carvalhense, 1839, p. 143 ss. e p. 162 ss. Referimo-nos aqui, como se verá pela sequência, somente à "Epistola Primeira", que começa: "Aqui, onde a innocencia tem morada,". A Epistola Segunda, de que falaremos adiante, começa: "Triste Heloise, que maligna sorte".

³⁴ BNL, COD. 12 972, fols. 111-125.

³⁵ BNL, Mss. Cx.º 212, n.º 9, fols. 1-11v 2-12v.

³⁶ BNL, Ms. 257, n.º 77. Atribuída a José Anastácio da Cunha, existiria também uma *Carta de Héloise a Abeilard, e de Abeilard a Héloise em verso heroico*, Lisboa, Typ. João Nunes Esteves, 1822 (?). Gonçalves Rodrigues tomou conhecimento da edição a partir de um anúncio na *Gazeta de Lisboa*, (talvez *Governo de Lisboa*?), de 1822 (cf. A. A. Gonçalves RODRIGUES – *As "Epistolas de Héloise e Abailard" na obra poética de José Anastácio da Cunha. Uma falsa atribuição*, Separata da "Revista da Biblioteca Nacional", n.º 2, 1981, p. 274). Pelas características, não cremos ser a de José Anastácio da Cunha. Poderá corresponder às duas cartas que Inocêncio incluiu na edição das obras de José Anastácio da Cunha: "Aqui onde a innocencia tem morada" e "Triste Heloisa, que maligna sorte". Teremos ainda de considerar a edição da *Carta de Heloisa a Abeilard*, publicada em Lisboa, em 1819 (Off. Joaquim Rodrigues d' Andrade). Ou a *Epistola de Heloiza a Abeilard*, de 1836. Embora referidas por A. A. Gonçalves Rodrigues, em *A Tradução em Portugal* (Lisboa, Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1992, respectivamente, vol. I, p. 331, Doc. 3554, e vol. II, Doc. 4605), não as conseguimos encontrar e comparar.

é o caso da *Carta de Heloyza a Abeylard*, s.l., [18..]), mas a situação é similar no texto impresso. O mais conhecido destes últimos, se excluirmos a edição de Inocêncio, é a “Epístola de Heloise a Abeilard”, in *Collecção de Epistolas Eroticas e Philosophicas*, Paris, J. P. Aillaud, 1834.

É dos poucos textos que identifica claramente o tradutor de Pope e declara ter-se servido de uma tradução francesa. Trata-se, na verdade, de uma composição “vertida livremente da epístola em versos francezes, composta por Colardeau”³⁷, transcrevendo-se igualmente uma nota de Colardeau que apresenta os versos franceses como uma imitação muito livre de Pope.

Mas esta edição não é tão clara quanto ao tradutor português. Apresenta-se mesmo cheio de ambiguidades. Senão vejamos.

O editor, na p. VIII, revela que esta tradução portuguesa da “Epístola”, tal como os versos de “A Voz da Razão” que igualmente se encontram na *Collecção*, é de escritor anónimo. No entanto, tal afirmação convive, na página 50, com a atribuição (simulada com iniciais) da autoria de “A Voz da Razão” ao poeta J. A. da C. (naturalmente lido José Anastácio da Cunha). Por associação de ideias, poderíamos crer que a “Epístola de Heloise” também era de J. A. C. (José Anastácio da Cunha)?

A identificação do tradutor fica ainda mais confusa quando, no final da “Epístola de Heloísa” se colocaram, aumentando a confusão, as iniciais J. da F. (em geral consideradas as de José da Fonseca, o editor provável da *Collecção de Epistolas Eroticas e Philosophicas*).

São estes dados que levam Gonçalves Rodrigues a acreditar que o autor da versão é José da Fonseca³⁸.

Ora tal não pode ser verdade. O texto da versão “Aqui, onde a innocencia tem morada” circula em manuscrito pelo menos no início da década de 20, ligada quase sempre ao nome de Bocage, e tendo muitas vezes identificada a fonte Colardeau.

Embora não datado, mas provavelmente anterior a 1820, existe um texto da Viscondessa de Balsemão, D. Catarina de Lencastre, que utiliza dois dos versos da tradução como epíteto da sua. Referimo-nos aos muito glosados

“Oh, quanto he doce amar e ser amado!
Esta a primeira lei o resto he nada”.

³⁷ *Collecção de Epistolas Eroticas e Philosophicas*, Paris, J. P. Aillaud, 1834, p. 80.

³⁸ A. A. Gonçalves RODRIGUES – *As “Epistolas de Héloise e Abailard” na obra poética de José Anastácio da Cunha. Uma falsa atribuição*, Separata da “Revista da Biblioteca Nacional”, n.º 2, 1981, p. 276. Confirmando tal ideia, do mesmo, *A Tradução em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992, vol. I, p. 385, Doc. 4329.

Introduzem a Canção “Desce do Ceo, oh, Musa encantadora”, de Catarina de Lencastre, e estão presentes na *Collecção 4.ª*, s.l., s.d., fol. 299 dos manuscritos familiares. Poderá servir de algum peso (sempre relativo) a amizade e admiração que existiu entre Catarina de Lencastre e Bocage³⁹.

Mais dois manuscritos parecem corroborar a tese de Bocage ser verdadeiramente o tradutor daquela epístola (dando razão, aliás, aos argumentos levemente estilísticos de Inocêncio):

- a “Carta de Heloiza a Abeillard”, incluída na *Miscellanea de Obras Scientificas ou Esclarecimentos uteis á humanidade*, compilado por ..., tomo único, Lisboa, 1822, pp. 112 ss.⁴⁰

- as “Cartas de Heloise a Abeillard”, incluídas na *Miscellanea curiosa ou Collecção de diversas poesias por varios Auctores; A maior parte de Bocage, ou traducções, ou originaes; Alguãs de J. A. da C.. E outras por auctores incertos, e que não conheço*, juntas e copiadas por Joze Cancio Freire de Lima, s.l., Março 1825⁴¹

Passou-nos também pelas mãos uma edição impressa, que Gonçalves Rodrigues não tinha conseguido localizar: a *Carta amorosa d'Heloise a Abeillard, traducção livre do Inglez de Mr. Pope em francez por Mr. Colardeau e em portuguez por Bocage, D.O.C. às Senhoras da Illustre Cidade Regeneradora*, impressa no Porto, Typ. Viuva Alvarez Ribeiro & Filhos, 1823 (Anno 4 da Liberdade Portugueza), e por isso onze anos antes da edição de 1834, da casa Aillaud, onde trabalhava José da Fonseca.

Aparece também, Embora com mais raridade, isolada ou com a carta de Heloísa “Aqui onde a innocencia tem morada”, uma resposta de Abelardo. Também ela não identifica o autor ou o tradutor, circulando sempre anónima.

Começa: “Triste Heloise, que maligna sorte”.

É uma composição de Dorat.

Conhecemos esta tradução em manuscrito:

³⁹ Maria Luísa Malato BORRALHO – *D. Catarina de Lencastre (1749-1824)*, dissertação de doutoramento, apresentada à F.L.U.P., 1999, tomo II, pp. 442-443.

⁴⁰ Manuscrito por nós adquirido para a FLUP.

⁴¹ BNL, COD. 10576, col. 5. Contém 3 cartas distintas, sendo a primeira (“Aqui, onde a innocencia tem morada”) assim identificada: “he traduzida do Inglez de Mr. Pope em francez por Mr. Colardeau, e em Portuguez por Bocage”. Tem também uma tradução de Dorat (Resposta de Abelardo a Heloísa) e a tradução, impressa em 1820, de António Feliciano de Castilho, a partir de um poema de Mercier.

[Resposta de Abelardo] incluída na *Miscellanea curiosa ou Collecção de diversas poesias por varios Auctores; A maior parte de Bocage, ou traducções, ou originaes; Alguãs de J. A. da C.. E outras por auctores incertos, e que não conheço*, juntas e copiadas por Joze Cancio Freire de Lima, s.l., Março 1825⁴²

Mas também em edição impressa:

*Epistola de Abeilard a Heloiza por ****, Lisboa, Typ. Rollandiana, 1820.

Inocência virá a incluí-la (erradamente, embora, com algumas reticências), na edição de 1839 das *Composições poeticas...* de José Anastácio da Cunha (Segunda Epístola)⁴³. E Gonçalves Rodrigues deixa ainda em aberto a possibilidade de os três pontinhos ocultarem o nome de José Anastácio da Cunha⁴⁴.

É sempre difícil afastar/comprovar uma autoria com o argumento da diferença de estilos. A ser de José Anastácio da Cunha, não poderíamos ter como improvável duas traduções do mesmo poeta: uma a partir do texto em inglês, de Pope (Carta de Heloísa) e outra a partir do poema original de Dorat, em francês (a Resposta de Abelardo, não existente no texto de Pope). Os autores franceses e ingleses, como prova a sua biblioteca, eram lidos por José Anastácio no original. Mas porque seria esta tradução de José Anastácio da Cunha? Somente pelos três nomes correspondentes a três asteriscos?

Muito mais rara em manuscrito⁴⁵, mas com pelo menos duas edições na primeira metade do século XIX⁴⁶, encontramos ainda outra fonte: o texto em francês de Mercier, traduzido por António Feliciano de Castilho. Sempre com a indicação de tradutor e autor.

Começa: “Nesta morada, que os desertos cingem”

Novamente a presença da fonte francesa. Como são muitas vezes francesas, ou com relações com a França, as editoras que vão publicando muitos dos textos: Typ. Rollandiana, J. P. Aillaud, Sociedade Franco-Portuguesa...

⁴² BNL, COD. 10576, col. 5. É a segunda carta. Está encadernada entre a tradução de Colardeau, que atribuímos a Bocage, e a de Mercier, traduzida por Feliciano de Castilho.

⁴³ “Resposta de Abailard” in *Composições Poeticas do Doctor Joseph Anastasio da Cunha, ... agora colligidas pela primeira vez* [ed. Inocência], Lisboa, Typ. Carvalhensc, 1839, pp. 162-179.

⁴⁴ Existe ainda outra edição que os inclui: *Carta de Heloize a Abelardo, trad. do francez por **** (Lisboa, Off. Rua dos Fanqueiros, 1826).

⁴⁵ Refira-se uma vez mais a *Miscellanea curiosa ou Collecção de diversas poesias por varios Auctores; A maior parte de Bocage, ou traducções, ou originaes; Alguãs de J. A. da C.. E outras por auctores incertos, e que não conheço*, juntas e copiadas por José Cândia Freire de Lima, s.l., Março 1825, BNL, COD. 10576, col. 5. É a terceira carta das “Cartas de Heloise e Abeilard”.

⁴⁶ *Carta de Heloiza a Abeillard* (Lisboa, Typ. Lacerdina, 1820 e Lisboa, Imp. João Nunes e Filho, 1833).

Nada de invulgar. Em 1835, ainda Henrique Ernesto de Almeida Coutinho (sob pseudónimo embora, H. E. A. C.) publicava uma nova tradução da *Epistola de Heloisa a Abeilard*, explicitando, para defender a novidade do seu texto, que tudo em Portugal é uma tradução de Colardeau, não conhecendo ele, até à data e para além da sua, outra tradução portuguesa a partir do original de Pope⁴⁷. É certo que conhece uma tradução em octossílabos (a de Massuelos Pinto), mas acha-a de uma “insanável tibieza”.

O prefácio encoraja-nos, assim, a continuar. Mas será com desencanto que lemos os primeiros versos, apesar da “inovação” do verso solto:

“Aqui neste retiro bonançoso
Onde a contemplação de piedosos olhos
De contínuo ergue ao Céu nestes lugares,
Onde tudo é silêncio, quais assaltos
Infestão de minha alma a paz ditosa?”

O verso é, ainda assim, de ritmo irregular, frouxo. Só ironicamente Camilo os podia ter elogiado, satirizando o poeta ao mesmo tempo que os seus próprios leitores⁴⁸.

E que síndrome nacional atacaria Pope que tudo faria “quieto” e “bonançoso”? O texto lembrava sempre, e ainda Colardeau, não sendo embora Colardeau...

Fez o acaso vir-nos parar às mãos um curioso manuscrito, que continha, em letra muito regular, duas traduções do texto de Pope⁴⁹. A sua data era posterior a 1835, já que do lado esquerdo das páginas interiores redescobrimos o texto de Henrique Coutinho e uma referência bibliográfica da edição impressa. Do lado direito, os primeiros versos, em inglês, do poema de Pope (explicitamente retirado de *Essays, Epistles and Odes*, London, 1777). Encontravam-se seguidos de uma tradução portuguesa bastante próxima do original, embora diferente da de José Anastácio da Cunha:

“Nesta solidão profunda, e horrível claustro
Onde em Contemplação do Céu austero
Se vive, e onde a tenaz Melancolia
Sempre circando reina...”

⁴⁷ *Epistola de Heloisa a Abeilard*, Porto, Imp. Alvares Ribeiro, 1835, p. 5.

⁴⁸ CASTELO-BRANCO, Camilo – “Heloisa e Abailard” in *Scenas Inocentes da comedia humana*, 2.^a ed., Lisboa, A. M. Pereira, 1873, pp. 137-138.

⁴⁹ *Carta de Heloiza a Abeilard*, ADUM, Ms. 639/28.

Do lado esquerdo, o contraponto desta argumentação retórica: o texto de H. E. A. C. (identificado como Henrique Ernesto) e as primeiras frases de uma narrativa em francês.

“Dans cette solitude paisible ou la contemplation tourne constamment ses regards vers le ciel...”

E na identificação da fonte :

“*Lettres et Epitres amoureuses d'Héloïse et d'Abailard*, Paris, Chez Caille et Ravier[?], Imp. Lib., 1835, 2 peq. Vol. 8.º. Estas cartas são todas em prosa francesa e a de Heloíza a Abailard, traduzida, por Henrique Ernesto, começa a p. 59 do 2.º vol.”.

1835: o mesmo ano da publicação do livro de Henrique Coutinho, no Porto. Se não tivéssemos tido conhecimento de uma edição anterior⁵⁰, poderíamos pelo menos dizer que, em matéria de traduções, não íamos atrasados...

Este estudo, sem pretender ser um levantamento exaustivo do que se pode encontrar, procurou, antes do mais, ser um alerta para o muito que se pode encontrar (em Portugal, e sobretudo entre as últimas décadas do século XVIII e primeiras do XIX), não só nos textos impressos, como é mais comum fazer-se, mas também nos textos manuscritos.

Porque nem todas as fontes são nascentes e só de algumas nascentes fazemos nós fontes.

Maria Luísa Malato Borralho

⁵⁰ *Lettres et Epitres amoureuses d'Héloïse et d'Abailard*, Paris, Chez Caille et Ravier, 1816, havendo ainda a possibilidade de serem uma reedição de 1803. A menos que a fonte tenha sido uma edição londrina, pelo menos de 1780!